

O DISCURSO DO EU NA(S) FALA(S) DO SUJEITO

Rosana Paulillo*

... talvez o lingüista gostasse de limitar o
inconsciente nos lapsos... e se ocupar do resto.

J. Authier-revuz

Este trabalho é o resultado do encontro de algumas linhas de preocupação que venho perseguindo e tentando cercar, há mais ou há menos tempo, e, a partir de um determinado momento, pareceu-me que, mais do que pontos de contato ou de semelhança, poderia haver entre elas uma solidariedade anterior, produtora de determinações recíprocas.

Em primeiro lugar, e esta é a questão mais antiga, o problema do sujeito no discurso. A questão que me instigava era a dúvida de que o campo do sujeito na linguagem fosse satisfatoriamente tratado, quer pelas teorias da enunciação, com sua concepção de sujeito como *locus* de uma intencionalidade que se manifesta nos quadros da interação, quer pelas formulações, já clássicas em análise de discurso (A.D.) da forma-sujeito como produto das formações ideológicas. Em outras palavras, eu desconfiava que havia mais sujeito além do escopo dessas conceituações; ou antes, que o campo do sujeito não se resumia na intencionalidade consciente ou pré-consciente do *ego* da enunciação, assim como não se esgotava no efeito-sujeito da A.D., produto imaginário da ilusão produzida pelo 'esquecimento nº 2'. Segundo tal concepção, o sujeito é produto de uma formação ideológica, que o determina enquanto uma *forma-sujeito*, inscrevendo-o, assim, em certas posições de discurso (formações discursivas). Mas a circunscrição do campo dos sentidos e das formulações possíveis no interior de uma formação discursiva não se realiza senão pelo movimento de contraste/confronto com outras formações discursivas, sob o pano de fundo do *interdiscurso*, espécie de zona babélica marcada pela *polissemia* e pela *paráfrase*, em que coabitam todos os sentidos e todas as formulações possíveis. Produzem-se, então, dois 'esquecimentos': o primeiro, apaga a exterioridade dos sentidos; o segundo, apaga a exterioridade dos modos de dizer. Emerge, então, o *ego* efeito-sujeito, que imaginariamente se crê fonte e origem: de seus sentidos; de seu discurso. (Considero aqui, em especial, as formulações retificadas de Pêcheux, 1975, sobre os dois esquecimentos, presente em *Semântica e discurso*.)

*Professora do Departamento de Linguística da PUC-SP. Doutoranda no IEL-Unicamp.

É fato que as formulações da A.D. avançam em relação às das teorias da enunciação, na medida em que é da exterioridade do interdiscurso (em relação ao *ego* efeito-sujeito) que se constitui o intradiscurso do sujeito-falante (ibid.; p.167). No entanto, a ótica que tais formulações põem em jogo deixam, a meu ver, escapar alguma coisa, que se vislumbra num hiato intransponível entre a ilusória homogeneidade do *eu* e a exterioridade do interdiscurso que o determina. De um lado a

... impressão de realidade de seu pensamento para o sujeito falante (“eu sei o que estou dizendo”, “eu sei do que estou falando”), impressão deflagrada pela abertura constitutiva da qual esse sujeito se utiliza constantemente através do retorno sobre si do fio de seu discurso, da antecipação de seu efeito e da consideração da discrepância introduzida nesse discurso pelo discurso de um outro (como próprio outro) para explicitar e se explicitar a si mesmo o que ele diz e “aprofundar o que ele pensa”. (ibid.; p. 167)

De outro lado, o fato de que ... o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma interioridade inteiramente determinada como tal do exterior (ibid.; p. 167).

Assim, é por meio de processos discursivos exteriores a si mesmo que o discurso do sujeito estrutura, simbolicamente, a consistência imaginária do *ego* e a impressão de coincidência de ego consigo mesmo.

No entanto, a ilusão produzida pelo ‘esquecimento nº 2’, constitutiva do efeito-sujeito, não me parece funcionar de modo tão espesso e impermeável, pois o sujeito, enquanto *ego*, freqüentemente se confronta com o despedaçamento das estruturas de linguagem (o corpo verbal de Pêcheux) que sustentam a espessura do eu e a espessura dos referentes. É quando a discursividade parece se descolar da referência, e ali, onde o mundo vacila, o próprio eu vacila nas suas auto-representações constitutivas da identidade imaginária.

Desse ponto de vista, portanto, deveria haver na discursividade ‘sintomas’ que apontariam para o caráter imaginário dessa ‘impressão de realidade’ produzida pelo ‘esquecimento nº 2’, enquanto configurações que marcam, *no discurso* e *no sujeito*, pontos de ruptura no campo das representações imaginárias.

A teoria da heterogeneidade, via aberta pelos trabalhos de Jacqueline Authier, parece-me representar um quadro teórico satisfatório e apropriado para a abordagem desses problemas. Tomando como fontes iniciais, simultaneamente, a teoria do sujeito de Lacan e a teoria do dialogismo de Bakhtin, Authier põe em jogo um conceito de sujeito marcado pela heterogeneidade constitutiva: “Contrariamente à imagem de um sujeito ‘pleno’, que seria a causa primeira e autônoma de uma fala homogênea, sua posição é antes aquela de uma fala heterogênea que é *o fato de um sujeito dividido*” (Authier-Revuz, 1982; p. 124).

Se, para a psicanálise, o sujeito é não uno, não homogêneo, é porque a descoberta freudiana confrontou o sujeito com esse outro desconhecido, distinto do eu consciente, que o constitui. E se a linguagem é a condição do inconsciente, como diz Lacan, não é possível que a discursividade não contenha marcas desse descentramento do sujeito.

No entanto, observa Jacqueline Authier (1984; p. 32), o que caracteriza a heterogeneidade constitutiva é o fato de que constitui uma "... heterogeneidade radical, em exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, como tal não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente..."

A par do conceito de heterogeneidade constitutiva (não coincidência básica do sujeito na linguagem), condição mesma da constituição do sujeito, mas que deve ser elidida para que o sujeito possa se constituir como tal, Authier trabalha especificamente com aquilo que chama de formas da heterogeneidade representada, isto é, comentários metaenunciativos nos quais o sujeito representa e circunscreve, como pontos localizados, fenômenos de não-coincidência que podem ser de quatro tipos:

- 1) não-coincidência do discurso consigo mesmo – presença de palavras de outro discurso no discurso do sujeito (p. ex., "*X, como diz fulano*");
- 2) não-coincidência do sentido entre interlocutores (p. ex., "*X, para você, quer dizer algo diferente*");
- 3) não-coincidência entre palavras e coisas – o dizer fracassa em nomear a coisa (p. ex., "*X, não é bem esse o termo*");
- 4) não-coincidência das palavras entre si – o lapso, o tropeço, a homonímia.

As formas de heterogeneidade representada aparecem, então, como sintomas da heterogeneidade constitutiva, mas que, imaginariamente representados pelo sujeito como fenômenos setoriais, localizados, sinalizam a presença do outro no discurso "para o circunscrever e afirmar o Um"; assim, as formas de heterogeneidade mostrada,

... por uma espécie de compromisso precário que dá lugar ao heterogêneo e, portanto, o reconhece, mas para melhor negar sua onipresença, elas manifestam a realidade dessa onipresença precisamente naqueles lugares em que tentam encobri-la (ibid., p. 33).

O lugar específico das formas de heterogeneidade representada, segundo Authier, é o de uma retórica da falha escancarada, da costura aparente (ibid.; p. 34), em contraponto às "... fissuras, junções que funcionam como costuras escondidas sob a unidade aparente de um discurso..." (ibid.; p. 34).

No outro extremo estariam as formas não marcadas de heterogeneidade representada – discurso indireto livre, ironia, metáforas, jogos de palavras que

Sem ruptura, conduzem aos discursos que, bem mais próximos da heterogeneidade constitutiva, renunciam a qualquer proteção em relação a ela, e tentam o impossível de “fazer falar” esta heterogeneidade, no vertiginoso apagamento do enunciador atravessado pelo “isso fala” do interdiscurso e do inconsciente... (ibid.; p.34).

O ponto em que minhas preocupações encontram o tema da heterogeneidade constitutiva é justamente no campo dessa espécie de tipologia que as considerações de Jacqueline Authier deixam entrever: de um lado, as formas marcadas de heterogeneidade representada, denegação e sintoma da heterogeneidade constitutiva; de outro, as formas não marcadas de heterogeneidade representada, uma forma oposta de negociação com a heterogeneidade constitutiva, que implica maior risco, pois “... joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui, pode ser enfaticamente confirmado, mas também onde pode se perder” (ibid.; p. 34).

Penso que entre esses dois extremos – a demarcação do heterogêneo com o exterior ao eu da enunciação ou a *mis-en-scène*, investida pelo falante, de uma espécie de glossolalia – há um campo intermediário que está longe de se constituir como o reino da ilusão do homogêneo. Afinal, as ‘costuras escondidas’ não são tão escondidas assim.

As formulações de Jacqueline Authier, aqui resumidas, levariam a pensar que entre a denegação do heterogêneo e o jogo com o heterogêneo intermedeia o campo da *forclusão* do heterogêneo no discurso. Creio, no entanto, que esse campo intermediário não é o da ausência de sintomas da heterogeneidade constitutiva, mas, ao contrário, que há *mais sintomas* da heterogeneidade constitutiva que os fenômenos da heterogeneidade representada. E que esses outros fenômenos onde a heterogeneidade constitutiva *se mostra*¹ não constituem exatamente marcas de uma forclusão, mas de um acossamento constante da não-coincidência que afeta o sujeito e seu discurso, não coincidência interna, retorno desse heterogêneo recalcado.

Nesse sentido, a questão que se coloca diz respeito às formas de discurso que permitem vislumbrar configurações que apontam, de modo especialmente intenso, para esses sintomas possíveis da heterogeneidade constitutiva.

1. O discurso de enunciação da subjetividade

Do ponto de vista tipológico, pode-se dizer que cada discurso é um efeito de suas condições de produção; e, nesse mesmo sentido, cada tipo de discurso produz seu efeito-sujeito de discurso. Assim, por exemplo, o discurso político ou o científico produzem o sujeito da certeza, do saber e do saber-fazer. Ora, aquilo que podemos chamar de formas públicas de discurso, isto é, aquelas que inscrevem o sujeito em

formas públicas de interação, na circulação de papéis públicos, não por acaso se caracterizam, tipicamente, por determinados funcionamentos, isto é, configurações de linguagem, cujo efeito de sentido se interliga aos processos imaginários centrados na homogeneidade e na coincidência da relação sujeito, sentido, dizer.

Algo bem diferente ocorre naquilo que chamo de 'discurso de enunciação da subjetividade'. Este se inscreve no espaço das formas privadas de interação e sustenta o sujeito menos na relação de interação com outros sujeitos, mas, fundamentalmente, num processo auto-reflexivo. Trata-se da fala que se produz nas conversações íntimas, de caráter confidencial, ou na fala em situações terapêuticas. Mas não é uma modalidade exclusivamente oral: manifesta-se também nos escritos íntimos, diários, e em diferentes produções escritas de caráter auto-reflexivo. Sua tópica é fundamentalmente constituída de relatos de experiências, lembranças e de enunciações de estados subjetivos, pensamentos e sentimentos experimentados no passado ou no momento presente em que se enunciam.

Creio que o discurso de enunciação da subjetividade (D.E.S.) constitui um *tipo* (no sentido de Orlandi, 1983; p. 141), irredutível aos demais, que se estrutura a partir de certos funcionamentos específicos: auto-reflexivo, tateante, constituído de fragmentos de memória e de estados psíquicos, que, fugazes, parecem representações pálidas, que escapam; desejo de autoconhecimento que se manifesta como desconhecimento; vacilações, truncamentos, giros, retornos ao mesmo ponto; estrutura frouxa, desconectada, mal articulada. No D.E.S. o sujeito tenta delinear um referente que constantemente lhe escapa. Não busca, em relação a um possível interlocutor, convencer, persuadir, disputar ou jogar: fala menos ao outro que ao Outro, enquanto *ele-mesmo*.

Parece-me que no domínio específico do D.E.S. pode-se detectar alguns processos ligados à natureza do sujeito, processos esses que, em geral, não emergem nas formas públicas de discurso ou, pelo menos, não na extensão e na intensidade com que emergem no D.E.S. E que, a meu ver, podem mostrar como, ali mesmo onde o efeito-sujeito se estrutura simbolicamente, no fio do discurso, ele também se desvenda enquanto lugar vazio e despedaçamento, tecido esgarçado e frouxo, fio de voz que alinhava pedaços desconectados.

Nesse sentido, o D.E.S. é um campo especialmente propício ao trabalho com as formas enunciativas e discursivas que são da ordem da categoria da heterogeneidade constitutiva, tal como esse conceito está posto nos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz.

2. O D.E.S. como discurso do eu

O aspecto que mais imediatamente ressalta no D.E.S. consiste na onipresença do eu. O D.E.S. é o discurso do 'eu' por excelência. Não se trata, aqui, do eu enquanto

sujeito da enunciação, o que, do ponto de vista fenomenológico de Benveniste, é a condição de possibilidade de qualquer discurso², mas do fato de que, no D.E.S., o eu não é somente o sujeito, mas também o próprio objeto do discurso.

Nesse sentido, o D.E.S. é um campo especialmente propício para se investigar até que ponto faz sentido a suposta espessura do ego, seja enquanto sujeito de seu discurso, nas teorias da enunciação, seja enquanto efeito-sujeito imaginário nas formulações clássicas da A.D.

No D.E.S., a enunciação se realiza de um lugar de subjetividade. O sujeito do D.E.S. emerge constantemente como o *eu* que está às voltas com *eu-mesmo*, isto é, com suas auto-representações. Desse ponto de vista, o D.E.S. poderia aparecer como o reino do ego imaginário, espaço de onde a alteridade e o heterogêneo estariam, no campo dessa configuração imaginária, decididamente excluídos (recalcados ou forcluídos).

No entanto, o que se observa é que sob a homogeneidade aparente do sujeito da fala, que aqui sequer se vê confrontado com a exterioridade externa dos referentes públicos, o que se mostra é a heterogeneidade do sujeito *na* fala.

Mas o que é o eu? Para Lacan (1954-1955; p. 224), o eu não é o lugar da plenitude, mas um ponto de tensão:

A consciência no homem é por essência tensão polar entre um *ego* alienado do sujeito e uma percepção que fundamentalmente lhe escapa, um puro *percepi*. O sujeito seria estritamente idêntico a esta percepção, se não fosse este *ego* que o faz, se é que se pode dizer, emergir de sua própria percepção numa relação tensional.

Nesse sentido, diz ainda Lacan (ibid; p. 224) que o conjunto das relações da consciência

... é constituído por uma certa relação a esta estrutura que chamamos *ego*, em torno da qual centra-se a relação imaginária (...) É a partir desse *ego* que todos os objetos são olhados. Mas é justamente pelo sujeito, por um sujeito primitivamente desafiado, fundamentalmente despedaçado por este *ego* que todos os objetos são desejados.

Assim, a dialética da consciência é o que se constitui a partir da tensão entre o sujeito e o ego. É a partir desse ponto de vista que a teoria do sujeito em Lacan põe em jogo a noção de uma exterioridade interna, pois sujeito e ego não constituem compartimentos distintos de um mesmo ser, nem inconsciente e consciência, desdobramentos de um ser uno primitivo.

Para Lacan, o inconsciente não é uma outra coisa, distinta, alheia ao sujeito da consciência, mas é o que se manifesta – irrompe – aí mesmo.

Se os significados do discurso remetem ao campo do eu, os significantes da fala – sua materialidade enunciativa – remetem ao sujeito. Desse modo, o discurso, se é o espaço no qual se representa a ilusão da homogeneidade do ego, é também o lugar no qual *se mostra* (no sentido de *mostração*)³ a não-coincidência entre o eu e o sujeito.

É nesse sentido que penso que a discursividade que caracteriza o D.E.S., ao mesmo tempo que configura a afirmação de persistência do eu, a busca de coincidência do eu consigo mesmo, sinaliza a presença constante de um heterogêneo irreduzível. O discurso do inconsciente não é um ‘outro’ discurso, que somente ‘a virada do avesso’ da hermenêutica encontraria; o discurso manifesto é o próprio material onde o inconsciente se inscreve⁴.

3. Os referentes privados no D.E.S.

Afinal, de que trata o D.E.S.? Sua tópica se resume a fatos de natureza subjetiva: as experiências vividas pelo sujeito e suas sensações, sentimentos e pensamentos relativamente a essa mesma vivência. Em suma, referentes privados, que, como tal, escapariam à disputa polêmica e às formas públicas de determinação denotativa, em termos de verdade ou falsidade.

Estranhamente, porém, parece ser aí que aparece de forma mais candente a questão da verdade e da certeza. Nas formas públicas de discurso, a dúvida do sujeito aparece, freqüentemente, escamoteada, ou, outras vezes, contrafeita na figuração de uma *persona* retórica para finalmente encontrar, no decorrer do discurso, sua solução nas respostas comandadas pelo enunciador. O D.E.S., por outro lado, surge como uma forma discursiva atravessada pela dúvida, a ponto de sua própria coesão estrutural se ver constantemente ameaçada de esfacelamento pelos mecanismos que reiteradamente põem em causa a referência.

Nesse sentido, a peculiaridade do D.E.S. em relação às formas públicas de discurso decorre menos de sua tópica, mas, principalmente, dos processos de linguagem que o caracterizam. Se, pela natureza de sua tópica, o D.E.S. se inscreve no campo dos referentes privados, que, enquanto tal, escapam às formas públicas de determinação do verdadeiro e do falso, é, no entanto, aqui que a discursividade se escancara como estranhamento, como não-certeza, não-saber, que a enunciação se esgarça nas formas vacilantes, que a nominação aparece sempre como imprópria, revogável, marcada de incompletude, mostrando, assim, os processos básicos da heterogeneidade que atravessa o sujeito e o discurso, ali mesmo onde, livre dos compromissos das trocas públicas e da ‘negociação’ com outros ‘eus’, o ‘eu’ poderia se instalar na sua fantasmática plenitude.

Parece ser justamente aí, no entanto, no campo dos referentes privados, que o sujeito se confronta mais fortemente com a sensação de que toda construção represen-

tativa, enquanto processo de determinação da referência, é tributária da *mis-en-oeuvre* de um sistema de estabilização lógica no interior do qual a enunciação *do que é* emerge sob a recusa fantasmática de inúmeros outros possíveis (Pêcheux, 1983, pp. 29-34). É nesse sentido que, no D.E.S., os enunciados que dão contorno aos referentes privados mal se enunciam, sofrem a pontuação de outras enunciações que, incidindo sobre os primeiros, suspendem, retificam, recolocam em causa a referência que acabara de se delinear.

Esse enquadramento discursivo que no D.E.S. caracteriza a enunciação dos referentes privados parece mostrar, de maneira mais escancarada, aquela espécie de 'mal-estar' do discurso que, segundo Pêcheux (*ibid.*; p. 33), decorre do fato de que, no limite, todo discurso é "... suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis – com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, mortal, para si mesmo e/ou para os outros".

Esse mecanismo explicita também um outro aspecto, especialmente relevante no que diz respeito ao fenômeno da heterogeneidade constitutiva, na medida em que aponta para a não-coincidência do eu com suas próprias auto-representações. Tal mecanismo mostra como a aderência do eu às suas construções auto-representativas, embora visada, não consegue nunca se realizar plenamente.

Esse aspecto está em ressonância com aquela característica que Lacan (1955-1956; p. 23) aponta como típica do 'sujeito normal', em contraposição ao sujeito psicótico:

... no sujeito normal, falar-se com o seu eu não é nunca plenamente explicitável, sua relação com o eu é fundamentalmente ambígua, toda assunção do eu é revogável. No sujeito psicótico, ao contrário, certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é a sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental.

4. A estrutura enunciativa do D.E.S.: lugares não coincidentes do eu na enunciação

A estrutura enunciativa do D.E.S. parece se organizar a partir de uma escansão básica, constituída de dois planos fundamentais de enunciação. De um lado, os enunciados que expressam sua tópica, isto é, os enunciados que expressam as experiências vividas pelo sujeito – correspondentes a enunciados narrativos – e aqueles que expressam sentimentos, pensamentos, desejos presentemente experimentados pelo sujeito – a que chamamos de enunciados declarativos e que, diferentemente dos primeiros, inscrevem-se na dimensão de temporalidade da enunciação em curso³.

Tais enunciados encontram-se, no D.E.S., ligados a outros enunciados que funcionam, em relação aos primeiros, como *comentários*, de forma que toda a seqüência discursiva aparece como uma rede na qual os enunciados declarativos e narrativos são constantemente atravessados, no fio do discurso, pelos enunciados que os comentam. A incidência dos enunciados de comentário, indiferentemente, sobre os enunciados declarativos e narrativos, permite considerar esta oposição (comentário × declaração/narração) como a mais saliente na configuração discursiva do D.E.S., ficando o contraste declarativo/narrativo, desse ponto de vista, em segundo plano.

Os enunciados declarativos e narrativos, além de serem os responsáveis pela sustentação da tópica do discurso, caracterizam-se também por funcionarem como o espaço de sustentação das auto-representações do eu. Já os enunciados de comentário caracterizam-se, na sua ampla maioria, por se constituírem como uma marca de avaliação cognitiva: verdade, certeza, falsidade, ausência de certeza, desconhecimento, estranhamento, pontuação do caráter tentativo da formulação:

“pois é, então a coisa já está clara para mim”

“e isso é verdade”

“não, nada disso”

“e, de fato, é isso mesmo”

“não sei explicá-lo a mim mesmo”

“também não sei por quê”

“isso, afinal, eu só vi claramente”

“é estranho”

“é uma loucura”

“é só que eu curiosamente”

“antes de mais nada”

“ou, pelo menos, eu acho”

“de certo modo”

“mas, no fundo”

“eu, na verdade”

Assim, pode-se dizer que tais enunciados se inscrevem naquela categoria que, do ponto de vista da análise semântica, se descrevem como enunciações de estados proposicionais (Vendler, 1970; pp. 85-90).

O que é digno de nota, a meu ver, é a presença determinante desse tipo de enunciado no D.E.S., no sentido de que a organização sintática das seqüências discursivas é por ele comandada, de forma que os enunciados declarativos e narrativos aparecem como sintática e semanticamente dependentes dos enunciados de comentário.

Os enunciados de comentário, no D.E.S., apresentam algumas das características que determinam, segundo Danon Boileau & Buscarel (1984), os enunciados comentativos: a presença de uma modalização epistêmica; a anteposição (ao enunciado comentado); o aspecto não-aorístico.

A anteposição, instituindo uma relação de tematização, caracteriza o processo de comentário como o que "... mantém uma relação de dependência em relação a um outro processo do contexto em que ocorre (este último [...] denominado 'antecedente')" (ibid.; p. 62). De fato, no material analisado, os processos de anteposição dos enunciados de comentário são predominantes⁶.

Quanto ao aspecto não-aorístico, "... suspende a compatibilidade com uma denotação temporal do tipo instante pontual (mesmo que o referencial de origem esteja ligado a uma referência temporal do tipo instante pontual)" (ibid.; p. 62). É desse ponto de vista, me parece, que os enunciados de comentário não poderiam ser identificados como pertinentes ao mesmo plano de enunciação dos enunciados declarativos, na medida em que estes são passíveis de uma determinação temporal pontual:

"e agora eu me encontro nesta situação tão besta"
"já não suporto mais a minha amiga"
"eu gostaria de descartar-me logo"

enquanto a avaliação cognitiva que o comentário expressa ("é uma loucura"/"é curioso"/"a verdade é que"/ etc.) inscreve-se numa dimensão de temporalidade que transcende a da referência comentada.

Por outro lado, segundo Danon Boileau & Buscarel, a presença da modalidade epistêmica nos processos comentativos produz "... a suspensão da validade da relação predicativa. E, ao mesmo tempo, produzem também a suspensão da referência temporal antes instituída pelo processo" (ibid.; p. 62).

De fato, a presença de tais enunciados no D.E.S. produz, como efeito de sentido, um constante processo de distanciamento do discurso em relação a seus próprios referentes, justamente aí onde, tendo em vista o caráter privado dos referentes, pareceria estar dada a possibilidade da coincidência do sujeito com suas representações. Tal efeito de sentido, produz, conseqüentemente, a própria rarefação da referência, fenômeno esse que se verifica presente também em outra configuração típica do D.E.S., relativa ao processo de desenvolvimento dos tópicos, que abordamos em outro trabalho.

A configuração enunciativa básica que comanda o D.E.S. pode ser representada pelo seguinte esquema:

C → P

em que 'P' corresponde aos enunciados declarativos e narrativos que expressam as representações do sujeito relativas a suas vivências e estados psíquicos, ou seja, suas auto-representações, e 'C' corresponde aos enunciados de comentário em que o sujeito aparece, então, comentando, julgando, avaliando o *dito* de P, emergindo, portanto, de *um outro lugar* de enunciação, a partir do qual o *dito* de P aparece em sua natureza essencial de *representação*, escancarando-se, dessa forma, a descontinuidade entre representação e referência.

Esse movimento aponta para a função dupla, complexa, e mesmo ambígua dos enunciados de comentário: ao mesmo tempo em que permitem ao sujeito situar-se enunciativamente como instância das representações expressas em P, permitem-lhe colocar-se, diante dessas mesmas representações, em outro lugar, a partir do qual é possível a dúvida, a estranheza, o distanciamento. Assim, sob a aparente homogeneidade do eu enunciator, implicado tanto C como P, emerge, nessa escansão, que a estruturação típica do D.E.S. põe em jogo, a heterogeneidade impressa na mesma voz.

O enunciado de comentário menciona o *dito* comentado, assim como os fenômenos de heterogeneidade representada constituem uma menção ao dizer. Nesse sentido, o comentário funciona como um sintoma da não-coincidência do eu com suas representações (as do dito comentado). Mas, ao contrário dos fenômenos da heterogeneidade representada, onde o sujeito percebe e territorializa o heterogêneo para afirmar o Um, o comentário faz aparecer uma polifonia interna ao próprio eu, mas que o sujeito não chega a perceber como uma alteridade intrínseca, já que *ego* está imerso em ambas as dimensões (dos planos C e P).

Nesse sentido, os enunciados de comentário, ali mesmo onde produzem a rarefação da referência e onde sinalizam a não-coincidência do eu com suas auto-representações, produzem, para o sujeito, a ilusão de que controla o seu discurso, de que comanda o seu dizer, sobre o qual retorna, reflexivamente.

Proponho considerar que os enunciados de tipo P correspondem àquelas zonas do discurso nas quais o eu aparece investido de suas próprias representações auto-identificadoras. É que o sujeito da enunciação que aí se manifesta, na maioria das vezes sintaticamente realizado, em outras semanticamente implicado, corresponde, na distinção proposta por Ducrot (1984; p. 200), ao sujeito de linguagem enquanto ser do mundo, enquanto λ ; portanto, enquanto representação de um indivíduo. Já nos enunciados de tipo C, quase interjeitivos, em que a primeira pessoa raramente aparece marcada, o que está em causa é o sujeito enquanto L, enquanto ser de linguagem.

Penso que o D.E.S. manifesta uma peculiar relação de contraponto entre L e λ , na medida em que as emergências de L atuam no sentido de pôr em suspensão as emergências de λ . Não se trata, evidentemente, de um jogo comandado pelo enunciator-locutor: trata-se de um *efeito das formas*. Nesse sentido, ocorre uma espécie de duplicação interna do discurso, à revelia da aparente univocidade externa da superfície discursiva, única na qual *eu* pode se reconhecer instalado.

É importante ressaltar que esse efeito do sentido dos enunciados de tipo C, ponho em causa a univocidade representativa dos enunciados de tipo P e a própria unicidade da enunciação enquanto produtora das representações no discurso é um fenômeno que não pode ser aproximado, analogicamente, dos fenômenos da heterogeneidade representada ou das formas de metadiscurso (Maingueneau, 1987; pp. 93-94). Nestes, o heterogêneo, o não-unívoco, é comandado pelo eu enunciator, que lhes administra os respectivos territórios.

No D.E.S., no entanto, na medida em que os enunciados de tipo C fazem bascular as representações de P – configurações imaginárias do sujeito, pelas quais eu aparece como homogêneo e coincidente a si mesmo –, revelam fissuras nessas configurações imaginárias. Tais fissuras, no entanto, se manifestam, paradoxalmente, como produzidas por eu-mesmo.

Note-se que C não põe em jogo outras representações que poderiam ser contrastadas com as de P, mas somente pontua, pela suspensão, o seu caráter de construções representativas. Nesse sentido, o sujeito L de C não é um sujeito identificado nem com as representações de λ , nem com outras: é um sujeito que emerge na sua natureza de *supporte* de qualquer representação, lugar do qual não há escape enquanto houver a busca do sentido.

Notas

1. Nas formas de heterogeneidade representada, marcadas ou não, *é o sujeito enunciator quem mostra* o heterogêneo.
2. “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso.” Benveniste, E., 1958; p. 286.
3. A esse respeito, cf. ‘Dire et montrer’, Récanat (1979; pp. 131 a 152).
4. “Não existe um ‘discurso do inconsciente’, (um discurso) que seria próprio do inconsciente. O inconsciente está em ação no ‘discurso normal’” (Authier 1982; p. 127).
5. A distinção entre enunciados narrativos e enunciados declarativos corresponde à clássica distinção entre plano do relato e plano do discurso, em Benveniste (1959).
6. No material analisado seis proposições contra 25 anteposições.

Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline (1982). Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’autre dans le discours. *DRLAV* 26, Paris.

___ (1984). Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Languages* 73 (Les plans d’énonciation). Paris, Larousse. [Trad. bras.: Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 19. Campinas, 1990.

BENVENISTE, Emile (1958). Da subjetividade na linguagem. In ___. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional/EDUSP, 1976.

___ (1959). As relações de tempo no verbo francês. In ___. Op. cit.

DANON BOILEAU, L. & BUSCAREN, J. (1984). Pour en finir avec Procuste. *Languages* 73. Paris.

- DUCROT, Oswald (1984). *Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation*. In ___. *Le dire et le dit*. Paris, Minuit. [Trad. bras.: *O dizer e o dito*, Campinas, Pontes.]
- LACAN, Jacques (1954-1955). *O Seminário, Livro II* (O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise). 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- ___ (1955-1956). *O Seminário, Livro III* (As psicoses). 2. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- MAINGUENEAU, Dominique (1987). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes-Editora da Unicamp, 1989.
- ORLANDI, Eni (1983). *A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso*. São Paulo, Brasiliense.
- PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.
- ___ (1983). *O Discurso – estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- RÉCANATI, F. (1979). *La transparence et l'énonciation*. Paris, Seuil.
- VENDLER, Z. (1970). *Les performatifs en perspective*. *Langages 17*, Paris.

